

Introdução

Miguel Amado

Joana Vasconcelos inspira-se nas visões do mundo dominantes para analisar, sob um impulso alegórico, distintas problemáticas da sociedade. Desconstruindo os valores, hábitos e costumes latentes ou manifestos na cultura de massas, a artista comenta os modos de viver actuais, sobretudo os enraizados na identidade colectiva, releve esta do género, da classe ou da nacionalidade. As suas esculturas constroem-se com bens de consumo de elevado valor simbólico e com forte eficácia visual, manipulados segundo uma dada narrativa ou iconografia. Engenhosa e minuciosamente alterados através de diferentes técnicas, das quais sobressaem as inscritas na prática laboral feminina, estes materiais transformam-se em objectos conceptualmente complexos e formalmente sedutores.

A interpretação da herança intelectual e do património histórico portugueses subjaz a parte importante da produção de Joana Vasconcelos. Várias obras incorporam elementos da tradição, citando o passado. Porém, o tratamento ao qual a artista os sujeita – alterando-lhes a escala, combinando-os com outras componentes ou reconfigurando-os – encaminha-os para o presente, convertendo as obras em caixa de ressonância do estado das coisas. Refira-se, a título ilustrativo, o recurso à azulejaria, produto associado a Portugal. Obras como *Barco da Mariquinhas* (2002) ou *Lusonike* (2006), alusivas a uma embarcação e ao logótipo de uma empresa, ganham novas camadas de significado com a utilização de azulejos na sua composição.

Intuíra-se portanto que, mais cedo ou mais tarde, Joana Vasconcelos encontraria em Rafael Bordalo Pinheiro uma espécie de duplo. Um dos destacados artistas do Portugal da segunda metade do século XIX, Bordalo Pinheiro evidenciou-se como caricaturista, celebrizando-se com o “Zé Povinho”, traço puro e duro do português de então e uma das alegorias axiais do ideário nacional. A sua personalidade, marcada por um espírito livre e independente, inquietou os poderes vigentes da sua época e traduziu-se em projectos ímpares no panorama português, como o encetado com a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884. O corpo de trabalho que Joana Vasconcelos dedicou, nos últimos anos, a Bordalo Pinheiro, institui-se em gesto de homenagem que une, emocionalmente, duas eras e vozes.

As faianças artísticas concebidas por Bordalo Pinheiro, tanto com fins utilitários como decorativos, englobaram imensas personagens e motivos. No inconsciente colectivo perduram, por um lado, as figuras pitorescas que corporizam, em registo irónico, a condição nacional e, por outro, as múltiplas representações da Natureza, das quais ressalta um bestiário. Efectivamente, do gato que espreguiça ao seu lado num famoso auto-retrato às rãs saltitantes e fumadoras dos painéis da Tabacaria Mónaco, em Lisboa, são infinitas as provas da atracção de Bordalo Pinheiro pela fauna portuguesa. Evidencia-o perfeitamente a presença de numerosas imagens de animais no Pavilhão Português da Exposição Universal de 1889, realizada em Paris, cujo premiado desenho de interiores coube a Bordalo Pinheiro.

O fascínio do ser humano pelo universo animal é intemporal e as origens do bestiário remontam à Grécia Antiga, embora a sua generalização, por via religiosa, date da Baixa Idade Média. Assim, do *Physiologus* à Bíblia e aos escritos de Franz Kafka ou Miguel Torga, passando pelas fábulas seiscentistas de La Fontaine, diversas expressões culturais reconhecidas pela antropomorfia definem a civilização Ocidental. Pelo seu enraizamento no imaginário universal, este assunto interessou sobremaneira a Joana Vasconcelos. Em 2005, a artista iniciou, então, uma série de obras em torno dos zelosos cães de porcelana vulgar que povoam os jardins e as soleiras de muitas casas portuguesas. Deste núcleo salienta-se *Matilha* (2005), composta por dez destas peças envolvidas em coloridos naperons.

O revestimento de objectos com croché em algodão feito à mão, cujos múltiplos padrões e tons evocam variadas épocas e gostos, é uma das marcas de Joana Vasconcelos. Baseando-se na típica decoração de mobiliário dos espaços domésticos rurais e suburbanos, a artista empregou este dispositivo em inúmeras obras, de *Mesa 111* (2004) a *Piano Dentelle* (2008), inscrevendo saberes e memórias populares na esfera da cultura erudita. Assim, a abordagem de Joana Vasconcelos ao legado de Bordalo Pinheiro alicerçar-se-ia, logicamente, neste recurso estilístico, pela afinidade estética existente entre as referências que ambos convocam. A focagem nas imagens de animais idealizadas por Bordalo Pinheiro ecoa a atenção já concedida pela artista ao bestiário.

Joana Vasconcelos adoptou 11 peças do bestiário de Bordalo Pinheiro, de acordo com as suas fisionomia e psicologia. Os naperons que as ornamentam, balançando paradoxalmente entre uma segunda pele, protectora, e uma rede que aprisiona, sublinham essas características. Assim, ao gato assanhado contrapõe-se a cabeça de cavalo solene, que emparelha com a de burro e de touro; a altivez do lobo entrelaça-se com a ferocidade do sardão e do caranguejo; o sapo melancólico contrasta com a cobra esguia; a delicadeza da lagosta confronta-se com a autoridade da vespa. Os títulos das obras enunciam outras pontas do novelo de signos proposto pela artista: por exemplo, a vespa designa-se “Cleópatra”, a mais soberana das rainhas, enquanto a lagosta responde por “Calypso”, a ninfa do mar da mitologia grega.

Culminando este corpo de trabalho, Joana Vasconcelos reúne, pela primeira vez, todas as imagens de animais com que interpretou o bestiário de Bordalo Pinheiro. A vespa e a lagosta, somente fabricadas após a recuperação dos moldes originais suscitada pela artista, bem como as demais peças, repousam em plintos ou pendem das paredes da galeria, à espera do momento mágico em que ganhem vida e partam em busca do seu ambiente natural. Com a vivacidade do negro, vermelho ou branco dos naperons a cativar o olhar e a sensualidade das pinturas e dos vidrados cerâmicos a exaltar os restantes sentidos, nesta exposição constata-se a relevância dos projectos e a excelência dos génios criadores de Bordalo Pinheiro e Joana Vasconcelos.